

# **Diversidade Sexual na Escola: reflexões sobre as concepções de professores/as**

*Sexual Diversity in School:  
Reflections on the teachers' conceptions*

**Cassiano Celestino de Jesus**

*Graduando em História pela Universidade Federal de Sergipe  
Bolsista PICVOL/COPE/UFES  
Cassiano162@live.com*

**Elaine de Jesus Souza**

*Doutoranda em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul  
elaine.js.sd@hotmail.com*

**Joilson Pereira da Silva**

*Professor Doutor Adjunto da Universidade Federal de Sergipe  
joilsonp@hotmail.com*

A large, stylized black number 5 is centered on the right side of the page. The background consists of numerous thin, vertical grey lines of varying heights, creating a textured effect. The number 5 is rendered in a bold, serif font with a thick stroke.

## Resumo

O silenciamento e a negação da diversidade sexual na escola contribuem para o enaltecimento das manifestações de preconceitos, ocasionando uma série de conflitos e discriminações que vão desde piadas e apelidos pejorativos relativos à sexualidade até exclusões e humilhações. Esta pesquisa qualitativa teve como objetivo principal apresentar as concepções de docentes acerca da diversidade sexual, visando incentivar estratégias didáticas para acolher a diversidade sexual na escola e combater a homofobia. Por meio da análise de conteúdo na modalidade categorial temática, os resultados evidenciaram a superficialidade de discussões sobre sexualidade e diversidade sexual na formação docente e a existência de práticas homofóbicas na escola.

Palavras-chave: Homossexualidade. Escola. Educadores/as.

## Abstract

The silencing and denial of sexual diversity in school contribute to the enhancement of the manifestations of prejudice, causing a series of conflicts and discrimination ranging from jokes and derogatory nicknames related to sexuality, to exclusions and humiliation. This qualitative study aimed to present the views of teachers about sexual diversity, aiming to encourage the teaching strategies to accommodate sexual diversity in school and combat homophobia. Through content analysis in categorical mode theme, the results showed the shallowness of discussions about sexuality and sexual diversity in teacher training and the existence of homophobic practices at school.

Keywords: Homosexuality. School. Educators.

## Introdução

A diversidade sexual nas escolas é constantemente invisibilizada pelos membros da instituição escolar. Em matéria de sexualidade, prevalecem os preconceitos e as discriminações sobre as identidades sexuais e de gênero, de modo que a heterossexualidade se constitui como a única forma de expressão sexual e obrigatória. “Essa exigência normativa tem como efeito a desqualificação de outros modos de viver a sexualidade, gerando a prática discriminatória” (LIONÇO; DINIS, 2009, p. 11). Assim, é predominante a desvalorização para toda e qualquer forma contrária a essa ordem social e o tema somente é colocado em pauta quando vem acompanhado de situações de conflitos e tensões.

A diversidade sexual envolve as expressões individuais e as vivências das sexualidades dos sujeitos com outros indivíduos, que representam as identidades sexuais, podendo ser heterossexuais, homossexuais ou bissexuais, bem como incluem as identidades de gênero, tais como transexuais, travestis, entre outras (LOURO, 1997).

Além disso, quando a temática é sexualidade, e mais especificamente homossexualidade, a escola ainda oferece certos obstáculos em discuti-la. Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) apresentam poucas menções referentes à homossexualidade e ademais tendem a debater as manifestações sexuais sob um viés heterossexual. A escola permanece sem contribuições apropriadas para lidar com esses assuntos. Desse modo, “[...] como instituição e da forma em que está organizada, não permite a aparição desses diversos elementos da cultura no interior dos muros e tenta uniformizá-los, ao ignorar, refrear, paralisar as diferenças e os paradoxos aí postos” (SILVA JÚNIOR, 2010, p. 49).

Destarte, apesar de não se atribuir à escola o poder e a responsabilidade de explicar as identidades sociais, é importante ressaltar que suas proposições, imposições e proibições constituem parte significativa das histórias de vida de muitas pessoas. Com a suposição de que somente pode haver um tipo de desejo sexual, a escola é um dos espaços mais difíceis para que alguém “assuma” sua orientação homossexual. Ela nega e ignora a homossexualidade, restringindo as oportunidades para que adolescentes assumam, sem culpa ou vergonha, seus desejos (LOURO, 2000).

As práticas sexuais foram naturalizadas e utilizadas para controlar o corpo dos sujeitos, restringindo as possibilidades da expressão da diversidade sexual. A compreensão das outras formas de expressão sexual que não seja a

heterossexual pode nos levar a questionar e até mesmo recusar essa naturalização. “Se para alguns as práticas sexuais não heterossexuais constituem motivo de questionamento, para outros pode se tornar possibilidade de reconhecimento dessas práticas como direito” (TORRES, 2010, p. 13).

Muitos termos pejorativos (“viado”, “frutinha”, “sapatão”, “Luluzinha”, “mulherzinha”, entre outros) são incorporados à linguagem do cotidiano para referir-se àqueles que diferem das normas e padrões definidos pelos grupos dominantes, sendo incorporados, inconscientemente, pela maioria. A heterossexualidade tornou-se mais do que uma identidade sexual, constituindo-se como uma ordem social, de modo que tudo o que não se encaixa nesse modelo sofre violência homofóbica, que engloba tanto a violência simbólica quanto as agressões físicas. O que sustenta essa discriminação é uma ideologia de superioridade (BORRILLO, 2009; RIBEIRO, 2009).

De acordo com Lionço e Diniz (2009), essa discriminação pode acarretar danos pessoais e sociais para quem a sofre. Desqualificar o outro e emitir juízo de valor por ele ser diferente produzem desigualdades e prejuízos. É nesse contexto que se insere a educação, uma ferramenta possível para reprimir os atos discriminatórios e tornar a escola um espaço de socialização para a diversidade, a fim de concretizar o seu compromisso com a equidade.

Por esse motivo, é relevante refletir sobre a qualidade da escola e sua relação com políticas sociais que tenham por objetivo fomentar a inclusão da diversidade sexual. Segundo Mott (2009), isso somente é possível com uma educação diferenciada, que respeite e reconheça as especificidades étnicas, religiosas e raciais e a livre orientação sexual, uma vez que a liberdade de orientação sexual é um direito humano fundamental para todos os indivíduos.

A escola somente será democrática quando for um espaço de inclusão social. O respeito à diferença e o direito à singularidade são premissas básicas na construção desse espaço, no qual todos são diferentes, em que cada um, com sua individualidade, possa contar com o reconhecimento, a orientação e o apoio (FIGUEIRÓ, 2007).

Assim, é necessário trabalhar com os/as estudantes os princípios da dignidade e da igualdade humana, desconstruir concepções preconceituosas acerca das sexualidades, além de conscientizar a respeito das diferenças num ambiente tão diverso como esse em que vivemos.

Nesse sentido, este estudo tem como objetivo principal: apresentar as principais concepções de educadores/as acerca da diversidade sexual, com

foco na homossexualidade. Como objetivos específicos: destacar os principais preconceitos acerca da homossexualidade manifestados na escola e identificar o nível de (in)formação dos/as professores/as sobre essas temáticas.

### **Manifestação da homofobia na escola: violências e preconceitos**

As múltiplas estratégias e táticas construídas histórica e socioculturalmente reforçam uma identidade masculina ou feminina considerada como “normal” e duradoura. A produção da heterossexualidade vem acompanhada pela rejeição da homossexualidade, que, no limite, se expressa por declarada homofobia. Todas as formas de expressão social que manifestem ou tornem visíveis as sexualidades não legitimadas são alvo de críticas ou são motivos de escândalos (LOURO, 2000).

Na escola, a homofobia se revela por meio de agressões físicas e verbais aos/às estudantes que se declaram e se expressam contrários à heteronormatividade, que considera a sexualidade heterossexual como normal e a homossexualidade como desviante. Tais práticas de violência contra alunos/as gays, lésbicas, bissexuais, transexuais e travestis são chamadas no contexto escolar de *bullying* homofóbico (DINIS, 2011). O autor acrescenta:

[...] Na escola o bullying homofóbico tem resultado na evasão escolar de estudantes que expressam identidades sexuais e de gênero diferentes da norma heterossexual, e mesmo nas tentativas de suicídio de adolescentes em conflito com sua identidade sexual e de gênero, devido aos preconceitos e a discriminação sofrida no espaço escolar. Uma das principais vítimas no processo de evasão escolar também são as adolescentes travestis e as (os) adolescentes transexuais que dificilmente conseguem terminar seus estudos, sendo forçadas (os) a abandonar a escola, já que, diferentemente de adolescentes gays e lésbicas, têm mais dificuldade em esconder sua diferença, tornando-se as vítimas mais visíveis dessa violência escolar (DINIS, 2011, p. 42-43).

A homofobia não se limita apenas à repulsa ou ao preconceito contra a homossexualidade e/ou o homossexual. Podemos entendê-la, como as outras formas de preconceito, como uma atitude de colocar todos/as aqueles/as que diferem do modelo heteronormativo na condição de inferioridade, de

anormalidade, baseada no domínio da lógica heteronormativa, ou seja, da heterossexualidade como padrão, norma. Esse tipo de homofobia é definido como a repulsão a certos indivíduos que demonstram determinadas atitudes consideradas como do gênero oposto (BORRILLO, 2009).

Em comparação com outras formas de preconceito, como o sexismo contra as mulheres, o racismo, o antissemitismo, entre outras, na contemporaneidade, a homofobia ainda é de certa forma tolerada. Nessa perspectiva, “[...] dizer publicamente não simpatizar ou mesmo odiar pessoas homossexuais ainda é algo não só tolerado, como constitui também em uma forma bastante comum de afirmação e de constituição da heterossexualidade masculina” (DINIS, 2011, p. 41).

Assim sendo, se essas normas e estereótipos já acabados e estabelecidos não forem questionados na instituição escolar, teremos como resultado o preconceito, a discriminação e a exclusão. A presença de homossexuais “assumidos” na escola produz uma série de conflitos na classe e na instituição, indo desde diálogos que tocam a sexualidade, piadas, até mesmo a protestos de outros/as estudantes acerca de suas atitudes no setor diretório (SILVA JÚNIOR, 2010).

Como afirma Silva Junior (2010, p. 78), a homofobia pode ser interpretada como

uma coletânea de sentimentos negativos (tais como abjeção, repulsa, animosidade, suspeita, ojeriza ou receio), que costuma provocar ou atrelar-se a intolerância e processos de exclusão e violência contra sujeitos homossexuais, bissexuais e transgêneros (travestis, crossdresseres e transexuais) e, de forma mais genérica contra sujeitos cujas marcas de gênero não se coadunam com os arquétipos hierárquicos de masculinidade e feminilidade.

O/a educador/a pode, a partir de suas atitudes, ser o primeiro modelo no combate à homofobia, não permitindo comportamentos discriminatórios entre os alunos, seja em suas falas, seja até mesmo em usos pejorativos de nomes, seja em quaisquer outros tipos de conduta que levem à desvalorização do indivíduo homossexual (FIGUEIRÓ, 2007).

Por isso, ainda há muito a ser feito. A homofobia prejudica a nossa formação e danifica a construção de uma sociedade democrática e plural (SILVA JUNIOR, 2010). A homofobia constitui uma ameaça à democracia,

promove a desigualdade. Desse modo, a educação tem um papel fundamental na propagação da igualdade. Assim sendo, este trabalho surgiu como forma de contribuir com os estudos sobre as temáticas da sexualidade, diversidade sexual e homofobia, sobretudo no estado de Sergipe, visto que a omissão desses assuntos no espaço escolar tem contribuído para a ocorrência de diversas práticas homofóbicas.

### **Caminhos metodológicos**

A aplicação desta pesquisa se deu em uma escola pública do município sergipano, denominado Simão Dias. O campo de pesquisa em que foi realizado o estudo foi na área urbana da cidade, no qual se encontram estudantes de diversas classes sociais e de todos os bairros da cidade. A escolha desse lócus deve-se à escassez de estudos acerca dessa temática no interior do estado em questão.

Inicialmente, o projeto foi enviado ao Comitê de Ética e, posteriormente, solicitou-se a autorização das escolas para os/as educadores/as participarem da pesquisa. Cada participante assinou o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e, em seguida, foi aplicado o questionário semiestruturado.

Foram entrevistados 32 professores/as da educação básica, de todas as disciplinas, que atuam em determinada escola X. Com relação à modalidade de ensino, priorizou-se o Ensino Médio, por ser esse o período em que os/as alunos/as estão na fase da adolescência, momento de descobertas e experiências ligadas à sexualidade.

Utilizou-se como técnica para coleta das informações um questionário semiestruturado elaborado por Silva Júnior (2010) envolvendo perguntas abertas e fechadas. Os dados obtidos foram estruturados por meio da análise de conteúdo de Bardin (2011).

Para a análise dos dados, empregou-se a modalidade categorial temática, que incide em desmembrar o texto em unidades de sentido, determinando as principais opiniões, crenças e tendências encontradas nas respostas das entrevistas abertas, e, posteriormente, agrupar essas unidades em categorias de análise (BARDIN, 2011).

Os resultados foram agrupados em duas categorias: a primeira intitulada formação docente, sexualidade e diversidade sexual, que conta com a subcategoria sexualidade na escola; e a segunda, concepções dos/as

docentes acerca da homossexualidade, a qual tem como subcategoria: violências e preconceitos acerca da homossexualidade.

### **Formação docente, sexualidade e diversidade sexual**

Cabe esclarecer que nessa categoria foram incluídos os relatos dos/as educadores/as a partir das respostas do questionário semiestruturado. Nessa perspectiva, questionou-se acerca da formação docente com relação às temáticas sexualidade e diversidade sexual.

Conforme Jesus, Souza e Silva (2013), a instituição escolar é permeada pela diversidade sexual e, sobretudo, pelas diferentes formas de vivenciar a sexualidade. Assim sendo, tal temática precisa ser incluída de forma efetiva na escola, seja por meio de informações sobre os temas que a rodeiam, seja pela (des)construção dos preconceitos que culminam em diversas formas de violências, principalmente com os sujeitos que se declaram contrários à heteronormatividade, sendo marginalizados e privados de direitos humanos fundamentais para a vivência plena da sexualidade, tais como liberdade, integridade e privacidade sexual; segurança do corpo sexual; direito à expressão sexual; e informação sexual (SOUZA; SILVA, 2013).

A partir da análise das informações obtidas pela aplicação do questionário semiestruturado com professores/as da educação básica, constatou-se que 75% dos/as educadores/as responderam ter em sua formação questões (superficiais) relacionadas à sexualidade, enquanto 4,17% afirmaram que houve algum tipo de abordagem durante a graduação.

Por conseguinte, 81% dos/as docentes consideraram o estudo da diversidade sexual como importante para sua formação. Isso pode ser vislumbrado nas falas que se seguem:

“É importante no processo de formação aprofundar esta temática a fim de estar apto e consciente a este que é presente em nosso contexto educacional”.

“A questão da diversidade sexual está presente em todos os meios, portanto, se faz necessário que na formação acadêmica também se discuta essa questão”.

“Porque na escola há diversidade de alunos que necessitam de orientações, informações sobre a temática”.

Essa compreensão dos/as docentes a respeito da necessidade da discussão desses temas pode estar relacionada à maior visibilidade das minorias sexuais e de gênero, que tem resultado em maior conscientização acerca da importância da abordagem e do reconhecimento da diversidade sexual (sobretudo com relação aos direitos humanos).

Tal cenário apela para que o tema da diversidade sexual e de gênero seja cada vez mais debatido no currículo de formação docente, preparando educadoras e educadores para resistir aos discursos normativos sobre corpo, gênero e sexualidade (DINIS, 2012, p. 77).

É necessário que os cursos de formação docente inicial e continuada adotem parâmetros curriculares para abordar, de modo contínuo e permanente, através de disciplinas e eventos interdisciplinares, as temáticas acerca da sexualidade e da diversidade sexual que compõem a realidade social das escolas. Desse modo, os/as docentes podem se sentir capacitados/as e conseguir discutir esses temas em sala de aula, contribuindo para a desconstrução de preconceitos e discriminações que ocasionam diversas violências homofóbicas (RIOS, 2009; SEFFNER, 2009).

A discussão sobre a sexualidade no contexto escolar é uma tarefa complexa, que envolve dificuldades e requer um preparo do/a educador/a. Por esse motivo, é tão relevante uma formação de professores/as voltada para o ensino da sexualidade que possibilite o questionamento das normas sexuais e de gênero e o (re)conhecimento das múltiplas expressões e vivências dos sujeitos.

De acordo com os/as participantes, estes não tiveram nenhuma disciplina que abordasse, de modo claro e significativo, temáticas acerca da sexualidade e da diversidade sexual. Além disso, não participaram de nenhum curso ou formação continuada.

Mesmo não existindo no Brasil leis específicas de proteção à população de Lésbicas, Gays, Bissexuais e Transgêneros (LGBT), as universidades e outras instituições de ensino precisam ser incentivadas a inserir o tema da diversidade sexual, sexualidade e gênero nos cursos de formação docente. Assim, essa dificuldade encontrada na sociedade brasileira, inclusive de educadores/as, em falar sobre a diversidade sexual é resultante em grande parte da falta de conhecimentos acerca da própria sexualidade, dos preconceitos religiosos e da aceitação irracional dos padrões heteronormativos que levam a uma incompreensão e ao não reconhecimento da diversidade sexual (DINIS, 2012).

A omissão de assuntos referentes à sexualidade e principalmente à diversidade sexual na instituição escolar reforça as concepções que norteiam a sociedade, que consideram aceitáveis apenas as relações com o sexo oposto, contribuindo para o enaltecimento de práticas homofóbicas. O combate ao preconceito depende de uma nova revisão de conceitos pelos sujeitos e confia-se no papel decisivo a ser desempenhado pela educação, pautando-se no reconhecimento do diferente e da diversidade como riquezas a serem exploradas, não como o “exótico” a ser observado, negado ou marginalizado (CAVALEIRO, 2009). Nessa perspectiva, a escola acaba reproduzindo e refletindo as concepções dominantes na sociedade, bem como produzindo formas próprias de exclusão, criando, assim, papéis que opõem e hierarquizam os sexos.

### **Sexualidade na escola**

A temática de sexualidade não costuma ser discutida de modo planejado e contínuo nos espaços escolares, em decorrência de diversos fatores que dificultam tal tarefa. Dentre esses fatores, os/as educadores/as destacaram a superficialidade desses temas na formação docente, além do embate com questões religiosas e socioculturais, por ser considerado um assunto tabu na sociedade em geral.

Levando em conta as dificuldades mencionadas acima, mais de 62% dos/as professores/as não discutem de modo significativo essas temáticas em sala de aula, o que pode ser observado nas falas que se seguem:

“Não. As discussões ainda são muito escassas, mas pesquisamos sobre o tema. Contudo, sinto-me insegura nessa questão, tenho medo de ofender alguém com minha opinião”.

“Não. Preciso fundamentar mais a questão”.

“Não. Não me sinto totalmente capaz. Acredito que ainda preciso ampliar o meu conhecimento acerca da temática e, dessa forma, conseguir me sentir mais segura para trabalhar”.

“Não. Porque na vida acadêmica não tive nenhuma oportunidade de trabalhar com esta temática”.

Como constata Maistro (2009), é importante que a instituição escolar reflita sobre as questões que envolvem a sexualidade através de debates no

ambiente escolar, para que dúvidas a ela relacionadas sejam respondidas sem preconceitos, no intuito de poder informar, refletir, debater e questionar os assuntos sobre tal tema. Assim, poderá cumprir um papel social relevante na formação dos indivíduos.

### **Concepções dos/as docentes acerca da homossexualidade**

Nessa categoria, 34% dos/as docentes afirmaram que a homossexualidade é uma opção sexual, outros 13% alegaram ser genético e ainda houve aqueles/as 3% que declararam ser desvio de conduta. Nesse sentido, observa-se um desconhecimento por parte dos/as docentes, que pode ser confirmado no uso de termos inadequados, como opção sexual.

A esse respeito, Figueiró (2007) afirma que a homossexualidade não é questão de opção, e sim de sentimento, desejo. As pessoas se apaixonam por alguém do mesmo sexo independentemente de sua vontade ou escolha. Além disso, ninguém escolheria o caminho do sofrimento, pois ser homossexual, na maioria das sociedades, é ser vítima de opressão, desprezo, discriminação e incompreensão.

Para que os/as docentes consigam compreender a diversidade sexual além das leis naturais ou essencialistas, não como uma escolha ou opção, mas como uma construção social que envolve múltiplos fatores, é fundamental que conheçam sua amplitude e complexidade. Mediante esse entendimento, a diversidade sexual inclui as diferentes práticas, vivências e expressões da sexualidade e do gênero que são construídas no decorrer da vida humana a partir de aspectos históricos e socioculturais, e não por simples escolha, influência ou determinismos biológicos (FIGUEIRÓ, 2007; JUNQUEIRA, 2009; KAMEL; PIMENTA, 2008; LOURO, 2000, 1997).

### **Violências e preconceitos acerca da homossexualidade**

Apesar de 72% dos/as entrevistados/as afirmarem que um educador/a não influencia na orientação sexual do aluno/a, outros 13% defenderam que um professor/a homossexual pode, sim, influenciar na orientação de um discente. Isso pode ser observado nas falas que se seguem:

“Porque o meio influencia e os alunos estão geralmente em uma faixa etária na qual estão construindo a sua identidade”.

“Irá depender da conduta profissional do

educador”.

“Não sei. Depende de sua forma de trabalho”.

“Sim. O professor também é formador de opinião”.

“Sim. Pode servir de modelo, de exemplo, de inspiração”.

Porém, sabemos que a homossexualidade não é doença ou desvio. Ela não é algo viral, que pode ser transmitido de pessoa para pessoa. O desconhecimento da homossexualidade acaba contribuindo para a negação ou mesmo para o conformismo acerca das práticas de violência que permeiam o âmbito escolar, possibilitando o enaltecimento dos preconceitos, das discriminações e dos estereótipos perpetrados contra indivíduos com identidades sexuais e de gênero fora do modelo padrão estabelecido na sociedade.

Além disso, 32% dos/as docentes já testemunharam casos de violência física e verbal para com os alunos/as homossexuais. As diversas formas de preconceitos e violências contra os/as homossexuais na instituição escolar ficam evidentes nas falas a seguir:

“Sim. Violência tanto física como psicológica”.

“Sim. Verbal, durante o dia a dia, como se fosse cultural”.

“Sim. Piada a aluno homossexual por outros colegas”.

“Sim. Pessoas que dizem que prefere ver o filho ser ladrão do que ver viado. O termo “viado” é o mais usado. O caso da novela Amor à Vida é um belo exemplo”.

“Sim. Alunos (meninos) que destratam colegas com insultos por causa da sua homossexualidade”.

“Sim. Alunos homossexuais são constantemente violentados em sala de aula, desde as agressões de forma direta as mais sutis”.

Foi predominante o relato da ocorrência de piadinhas e apelidos pejorativos, bem como insultos, zombarias, humilhações, exclusões e até mesmo agressões físicas aos indivíduos que demonstram atitudes e comportamentos opostos ao modelo heterossexual.

Tal intolerância às diferenças faz com que o grupo rejeitado não tenha acesso aos seus direitos básicos e sociais. Os/as homossexuais são considerados “bizarros” e entendidos como uma ameaça potencial à coesão cultural e moral da sociedade (BORRILLO, 2009).

De acordo com Souza e Silva (2013), as práticas de homofobia “sutil” envolvendo insultos, apelidos pejorativos, ameaças e exclusões decorrentes dos estereótipos de gênero e desveladas situações de discriminação, que são silenciadas, negadas e até compartilhadas por educadores/as, são influenciadas por diversos fatores socioculturais e pela carência dessas temáticas na formação docente inicial e continuada dos/as docentes.

A homofobia é um problema que aumenta cotidianamente, cujos resultados de tais atos são refletidos também na escola, onde sujeitos homossexuais padecem com chacotas, risos e piadas de cunho discriminatório. A instituição escolar, como espaço de formação, local onde se constroem cidadãos e se engendram identidades, deve admitir a presença de tal problema em suas salas de aula e perceber a necessidade imediata do questionamento e reconhecimento da diversidade sexual existente, ao sobrepujar a intolerância e a violência conferidas aos sujeitos homossexuais (JUNQUEIRA, 2009).

Além disso, alguns/as docentes julgam que o ser nasce e/ou torna-se homossexual. Nota-se nas falas seguintes:

“Acredito que existe diferentes formas de manifestar a sexualidade, desde os que assim nascem ou que ao longo da vida optam por isso”.

“Depende de cada indivíduo, alguns nascem com características que levam à predisposição ao homossexualismo e outros vão construindo a sua identidade ao longo da vida”.

“Algumas crianças já apresentam modos, maneiras homossexuais e outras pessoas tornam-se homossexuais”.

“É natural, é genético”.

“Por ser acredito algo inato e construído socialmente”.

Os papéis sexuais de homem e mulher variam de cultura para cultura e de época para época, sendo forjados socialmente. Dessa forma, cria-se uma série de expectativas a respeito do comportamento considerado adequado para homens e mulheres, as quais são impostas através de mecanismos sociais.

Desde o berço, meninos e meninas são submetidos a comportamentos compreendidos como adequados. Qualquer “diferença” é reprimida e tenta recuperar o “bom comportamento”. A tendência é sempre acreditar que os/as homossexuais são biologicamente diferentes dos chamados heterossexuais. É preciso entender que desejos homossexuais são produzidos como são também produzidos desejos heterossexuais. Um ou outro possui o mesmíssimo valor e devem ser vistos com a mesma perplexidade (FRY; MACRAE, 1985).

Assim sendo, os/as pesquisados/as classificam a homossexualidade como algo adquirido e tendem a associá-la a uma escolha individual. No entanto, para o conjunto das expressões relativas à sexualidade e à identidade sexual, construídas pelas pessoas ao longo da vida, ou seja, as maneiras como as pessoas se expressam sexualmente, denomina-se de orientação sexual (KAMEL; PIMENTA, 2008).

Por conseguinte, nas questões nas quais o/a professor/a teve que assinalar a reação mais próxima do seu sentimento ao ver a foto de um casal de homens se beijando, obtiveram-se as seguintes respostas: até aceito, mas depende do lugar (40%), é estranho (26%), é um desperdício (7%), incomoda (5%), não me sinto confortável (7%). Somente (15%) dos/as entrevistados/as consideram dois homens se beijando normal.

As respostas de todos/as os/as professores/as foram unânimes em afirmar que não mudaria a sua conduta frente a um/a colega de trabalho caso soubesse que ele/a fosse homossexual. Isso fica evidente nas falas abaixo:

“Não muda em nada a personalidade”.

“Os valores universais de respeito ao ser humano está acima de qualquer crença ou julgamento”.

“Não justifica, é um ser humano, independente da sua orientação sexual”.

“Eu me relaciono com as pessoas pelo caráter e não por sua orientação sexual”.

“Não há motivo para agir diferente, pois, pra mim, as pessoas merecem ser tratadas bem, independente do que sejam”.

Quando os/as docentes foram questionados/as acerca do convívio social com amigos/as, familiares e conhecidos não heterossexuais, 97% responderam que convivem ou já conviveram com homossexuais. A cada dia que passa, a homossexualidade torna-se mais visível nas relações sociais, configurando-se uma das expressões da sexualidade mais praticadas e que sai

cada vez mais dos campos do silêncio e adentra no mundo social cotidiano. Mesmo assim, o que se pode observar é que a presença de pessoas homossexuais, ou melhor, a presença LGBT na escola, gera dilemas, como atitudes negativas e insegurança quanto à forma de lidar, o que tem contribuído para a perpetuação dos preconceitos (FIGUEIRÓ, 2009).

Os homossexuais parecem ser o grupo mais oprimido no Brasil, apesar de manifestações abertas e amplamente aceitas de homossexualidade.

Como argumenta Louro (2000, p. 44),

Cada sujeito é, ao mesmo tempo, muitas “coisas”, tem muitas identidades: de classe, de etnia, de religião, de nacionalidade, de geração, de gênero, etc. e os modos como se articulam essas identidades também são múltiplos. No entanto, apesar dessa multiplicidade de posições, não há como negar que nossas escolas são muito pouco acolhedoras para todos aqueles e todas aquelas que não se ajustam aos padrões ditos normais.

A pesquisa “Política, Direitos, Violência e Homossexualidade”, desenvolvida por Carrara e Ramos (2005) entre os participantes da parada do orgulho LGBT do Rio de Janeiro, em 2004, mostrou que a escola é o terceiro ambiente mais citado como o território no qual os indivíduos homossexuais mais sofrem discriminações. Por essa razão, torna-se urgente que a escola, enquanto espaço de reflexão, aja contra o preconceito e a discriminação.

Desse modo, deve-se compreender que a sexualidade não é apenas uma questão pessoal, mas também social e política. Ela é “aprendida”, ou melhor, é construída ao longo de toda a vida, de muitas maneiras e por todos os indivíduos. Como constata Louro (2000), é através de processos culturais que definimos o que é ou não natural. As possibilidades de vivenciar a sexualidade, bem como as formas de expressar os desejos e prazeres, são sempre socialmente estabelecidas, codificadas e moldadas pelas redes de poder de uma sociedade.

### **Considerações Finais**

A sexualidade está presente cotidianamente no espaço escolar, sendo papel da escola incluí-la de forma efetiva nas discussões em sala de aula. Faz-se necessário, portanto, que os/as educadores/as se sintam preparados/as para discutir tais assuntos em sala de aula e tenham conhecimento científico a

respeito da sexualidade e das temáticas que a envolvem, a fim de orientar os/as alunos/as e evitar concepções equivocadas sobre o assunto.

Vale ressaltar que essa reflexão não pretende culpabilizar a escola, mas expor tal problemática e, assim, incentivar a promoção de ações que busquem enfrentar a violência contra os sujeitos homossexuais, unindo todos os seus atores sociais em torno do combate à homofobia.

Ao perceber as concepções que os/as educadores/as da educação básica possuem acerca da diversidade sexual, foi evidenciada a necessidade de cursos de formação continuada de professores/as sobre orientação sexual nas escolas, visando contribuir com a desconstrução de preconceitos para com os sujeitos homossexuais manifestados na escola.

Espera-se que esta pesquisa possa incentivar os/as educadores/as do estado sergipano a adotarem medidas didáticas para abordar e acolher a diversidade sexual na escola, combatendo a homofobia através da desconstrução de preconceitos e estereótipos em torno da homossexualidade.

## Referências

- ALTMANN, Helena. Orientação sexual nos Parâmetros Curriculares Nacionais. *Estudos feministas*, Florianópolis, v. 9, n. 2, p. 575-85, 2001. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/9637/886>>. Acesso em: 9 ago. 2014.
- BARDIN, Laurence. *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70, 2011.
- BARRORO, Carmem; BRUSCHINI, Cristina. *Educação sexual: debate aberto*. São Paulo: Vozes, 1982.
- BIANCON, Mateus Luiz. *A educação sexual na escola e as tendências da prática pedagógica dos professores*. 2005. 98p. Dissertação (Mestrado em Ensino de Ciências) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2005.
- BORRILLO, Daniel. A homofobia. In: LIONÇO, Tatiana; DINIZ, Debora (Org.). *Homofobia & Educação: um desafio ao silêncio*. Brasília: LetrasLivres: EdUnB, 2009. p. 15-46.
- CARRARA, Sérgio; RAMOS, Sílvia. *Política, direitos, violência e homossexualidade*. Pesquisa 9ª Parada do orgulho GLBT Rio 2004. Rio de Janeiro: CEPES, 2005.
- CARVALHO, Fabiana Aparecida. Que saberes sobre sexualidade são esses que (não) dizemos na escola? In: FIGUEIRÓ, Mary Neide Damico (Org.). *Educação Sexual: em busca de mudanças*. Londrina: Universidade Estadual de Londrina, 2009. p. 01-16.
- CAVALEIRO, Maria Cristina. Sexualidade e afetividade no processo de formação do educando. In: FIGUEIRÓ, Mary Neide Damico (Org.). *Educação Sexual: em busca de mudanças*. Londrina: Universidade Estadual de Londrina, 2009. p. 01-16.
- DINIS, Nilson Fernandes. Homofobia e educação: quando a omissão também é signo de violência. *Educar em Revista*, Curitiba, v. 39, p. 39-50, jan./abr. 2011.
- \_\_\_\_\_. Educação e diversidade sexual: interfaces Brasil/Canadá. *Revista Educação e Cultura Contemporânea*, v. 9, n. 18, p. 75-96, 2012.
- FIGUEIRÓ, Mary Neide Damico. *Educação sexual: retomando uma proposta, um desafio*. Londrina: Eduel, 2001.
- \_\_\_\_\_. Diversidade sexual: subsídios para a compreensão e a mudança de atitude. In: FIGUEIRÓ, Mary Neide Damico (Org.). *Homossexualidade e Educação Sexual: construindo respeito à diversidade*. Londrina: Universidade Estadual de Londrina, 2007. p. 15-67.
- \_\_\_\_\_. A educação sexual presente nos relacionamentos cotidianos. In: FIGUEIRÓ, Mary Neide Damico (Org.). *Educação Sexual: em busca de mudanças*. Londrina: Universidade Estadual de Londrina, 2009. p. 63-104.
- \_\_\_\_\_. Educação sexual: como ensinar no espaço da escola. In: FIGUEIRÓ, Mary Neide Damico (Org.). *Educação Sexual: múltiplos temas, compromissos comuns*. Londrina: Universidade Estadual de Londrina, 2009. p. 141-172.

\_\_\_\_\_. Sexualidade e afetividade: implicações no processo do educando. In: FIGUEIRÓ, Mary Neide Damico (Org.). *Educação Sexual: em busca de mudanças*. Londrina: Universidade Estadual de Londrina, 2009. p. 187-208.

FRY, Peter; MACRAE, Edward. *O que é Homossexualidade*. São Paulo: Brasiliense, 1985.

GOLDBERG, M. A. *Educação sexual: uma proposta, um desafio*. 4. ed. São Paulo: Cortez, 1998.

HENRIQUES, Ricardo; BRANDT, Maria Elisa Almeida; JUNQUEIRA, Rogério Diniz; CHAMUSCA, Adelaide (Org.). *Gênero e Diversidade Sexual na Escola: reconhecer diferenças e superar preconceitos*. Brasília: CADERNOS SECAD, 2007. p. 05-87.

JEOLÁS, Leila Sollberger; PAULILO, Maria Ângela Silveira. Representações sociais da homossexualidade entre professores do ensino médio: continuidades e rupturas. In: FIGUEIRÓ, Mary Neide Damico (Org.). *Educação Sexual: em busca de mudanças*. Londrina: Universidade Estadual de Londrina, 2009. p. 125-152.

JESUS, Cassiano Celestino; SOUZA, Elaine de Jesus; SILVA, Joilson Pereira. Violência e preconceito: concepções de educadores/as da disciplina de História sobre homossexualidade. In: FÓRUM IDENTIDADES E ALTERIDADES, 6.; CONGRESSO NACIONAL EDUCAÇÃO E DIVERSIDADE, 2. *Anais... Itabaiana/SE: UFS*, 2013, p. 01-09. Disponível em: <[http://200.17.141.110/forumidentidades/vforum/textos/Texto\\_VI\\_Forum\\_15.pdf](http://200.17.141.110/forumidentidades/vforum/textos/Texto_VI_Forum_15.pdf)>. Acesso em: 9 ago. 2014.

JUNQUEIRA, Rachel Diniz. Homofobia nas Escolas: um problema de todos. In: JUNQUEIRA, Rachel Diniz (Org.). *Diversidade Sexual na Educação: problematizações sobre a homofobia nas escolas*. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, UNESCO, 2009. p. 13-52.

KAMEL, Luciana; PIMENTA, Cristina. *Diversidade sexual nas escolas: o que os profissionais de educação precisam saber*. Rio de Janeiro: ABIA, 2008. Disponível em: <[http://www.vagnerdealmeida.com/Publications/Cartilha\\_Diversidade\\_sexual\\_Escolas.pdf](http://www.vagnerdealmeida.com/Publications/Cartilha_Diversidade_sexual_Escolas.pdf)>. Acesso em: 13 jul. 2011.

LIONÇO, Tatiana; DINIS, Debora. Qual a diversidade sexual dos livros didáticos brasileiros? In: LIONÇO, Tatiana; DINIS, Debora (Org.). *Homofobia & Educação: um desafio ao silêncio*. Brasília: LetrasLivres: Edunb, 2009. p. 09-14.

\_\_\_\_\_. Homofobia, silêncio e naturalização: por uma narrativa da diversidade sexual.

In: LIONÇO, Tatiana; DINIS, Debora (Org.). *Homofobia & Educação: um desafio ao silêncio*. Brasília: LetrasLivres: Edunb, 2009. p. 47-61.

LOURO, Guacira Lopes. *Gênero, Sexualidade e Educação: uma perspectiva pós-estruturalista*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1997. 179 p.

\_\_\_\_\_. Sexualidade: lições da escola. In: MEYER, Dagmar E. Estermann (Org.). *Saúde e sexualidade na escola*. Porto Alegre: Mediação, 1998. p. 85-95. (Cadernos Educação Básica; 4).

\_\_\_\_\_. Pedagogias da sexualidade. In: LOURO, Guacira Lopes (Org.). *O Corpo Educado: pedagogias da sexualidade*. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2000. p. 07-34.

\_\_\_\_\_. Teoria *queer*: uma política pós-identitária para a educação. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 9, n. 2, p. 541-553. 2001. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/9635/8865>>. Acesso em: 9 ago. 2014.

MAISTRO, Virgínia. Desafios de um projeto de educação sexual na escola. In: FIGUEIRÓ, Mary Neide Damico (Org.). *Educação Sexual: em busca de mudanças*. Londrina: Universidade Estadual de Londrina, 2009. p. 63-104.

MOREIRA, Daniel Augusto. *O método fenomenológico na pesquisa*. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2004.

MOTT, Luiz. O jovem homossexual: noções básicas para professores, jovens gays, lésbicas, transgêneros e seus familiares. In: FIGUEIRÓ, Mary Neide Damico (Org.). *Educação Sexual: em busca de mudanças*. Londrina: Universidade Estadual de Londrina, 2009. p. 17-34.

NUNES, César; SILVA, Edna. *A educação sexual da criança: subsídios e propostas práticas para uma abordagem da sexualidade para além da transversalidade*. Campinas: Autores Associados, 2000. (Polêmicas do Nosso Tempo, v. 72).

OLIVEIRA, Vera Lucia Bahl. Sexualidade no contexto contemporâneo: um desafio aos educadores. In: FIGUEIRÓ, Mary Neide Damico (Org.). *Educação Sexual: múltiplos temas, compromissos comuns*. Londrina: Universidade Estadual de Londrina, 2009. p. 173-189.

RIBEIRO, Hugues Costa de França. Direitos Humanos, direitos sexuais, e as minorias sexuais. In: FIGUEIRÓ, Mary Neide Damico (Org.). *Educação Sexual: múltiplos temas, compromissos comuns*. Londrina: Universidade Estadual de Londrina, 2009. p. 13-38.

RIBEIRO, Paulo Rennes Marçal. A institucionalização dos saberes acerca da sexualidade humana e da educação sexual no Brasil. In: FIGUEIRÓ, Mary Neide Damico (Org.). *Educação Sexual: múltiplos temas, compromissos comuns*. Londrina: Universidade Estadual de Londrina, 2009. p. 129-140.

RIOS, Roger Raupp. Homofobia na Perspectiva dos Direitos Humanos e no Contexto dos Estudos sobre Preconceito e Discriminação In: JUNQUEIRA, Rachel Diniz (Org.). *Diversidade Sexual na Educação: problematizações sobre a homofobia nas escolas*. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, UNESCO, 2009. p. 53-84.

SILVA JÚNIOR, Jonas Alves. *Rompendo a mordaza: representações sociais de Professores e Professoras do Ensino Médio sobre homossexualidade*. 2010. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

SOUZA, Elaine de Jesus; SILVA, Joilson Pereira da Silva. Violência e Direitos Humanos: o caso da homofobia nas escolas In: FÓRUM IDENTIDADES E ALTERIDADES, 6.; CONGRESSO NACIONAL EDUCAÇÃO E DIVERSIDADE, 2. *Anais...* Itabaiana/SE: UFS, 2013, p. 01 - 12. Disponível em: <[http://200.17.141.110/forumidentidades/VIforum/textos/Texto\\_VI\\_Forum\\_22.pdf](http://200.17.141.110/forumidentidades/VIforum/textos/Texto_VI_Forum_22.pdf)>.

Acesso em: 9 ago. 2014.

TORRES, Marco Antônio. *A diversidade sexual na educação e os direitos de cidadania LGBT na escola*. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

WEEKS, Jeffrey. O corpo e a sexualidade. In: LOURO, Guacira Lopes (Org.). *O Corpo Educado: pedagogias da sexualidade*. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2000. p. 35-82.